



Cidades pequenas e médias: lugares do fazer e do articular o agronegócio

Small and medium-sized towns: spaces of action and articulation for agribusiness

Guilherme Guiari¹ 

Deilson Alves Dias² 

Flamarion Dutra Alves³ 

Resumo

A produção cafeeira desempenha um papel central nas dinâmicas econômicas e espaciais do Brasil, especialmente na Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, onde as interações entre o urbano e o rural moldam o território regional. Tal produção compreende e é compreendida pelos múltiplos setores produtivos interdependentes que conformam a produção agrícola para o mercado mundial, também conhecido como agronegócio. A relação entre os lugares acaba envolvendo relações horizontais, transversais e verticais, configurando uma complexa divisão territorial do trabalho. Nesse sentido, esse artigo analisa a interação entre cidades pequenas e médias no contexto da Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, com foco na produção cafeeira, na estruturação da rede urbana regional e nas cadeias produtivas do agronegócio do café. A pesquisa busca articular revisão bibliográfica, análise comparativa e dados econômicos e produtivos dos municípios de Campos Gerais, Alfenas e Varginha, destacando seus papéis na hierarquia urbana e no agronegócio cafeeiro. Observa-se que Campos Gerais, município com uma cidade pequena, desempenha função importante como produtor de café, mas permanece economicamente dependente de centros maiores, como Alfenas e Varginha, cidades médias, que concentram infraestrutura, serviços e capital, articulando a produção local-regional ao mercado global. Argumenta-se que a produção do café regional, embora realizada majoritariamente por municípios com cidades pequenas está inserida em escalas mais amplas do agronegócio, que envolvem a concentração de serviços especializados, capital e logística em centros médios como Alfenas e Varginha responsáveis por articular o local ao global, complexificando as relações entre os lugares.

Palavras-chave: rede urbana; relação campo-cidade; cafeicultura; especialização produtiva; comércio exterior.

¹ Universidade Federal de Alfenas. Mestrando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO). Bolsista FAPEMIG. Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES), Alfenas, MG, Brasil. E-mail: guilherme.correia@sou.unifal-mg.edu.br

² Universidade Federal de Alfenas. Mestrado em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO). Bolsista FAPEMIG. Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES), Alfenas, MG, Brasil. E-mail: deilson.dias@sou.unifal-mg.edu.br

³ Universidade Federal de Alfenas. Professor Doutor no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO). Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES), Alfenas, MG, Brasil. E-mail: flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br

Abstract

Coffee production plays a central role in Brazil's economic and spatial dynamics, particularly in the South/Southwest Mesoregion of Minas Gerais, where interactions between urban and rural areas shape the regional territory. This production both comprises and is shaped by the multiple interdependent productive sectors that constitute agricultural production for the global market, commonly referred to as agribusiness. The relationships between places involve horizontal, transversal, and vertical interactions, forming a complex territorial division of labor. In this context, this article analyzes the interaction between small and medium-sized cities within the South/Southwest Mesoregion of Minas Gerais, focusing on coffee production, the structuring of the regional urban network, and the agribusiness supply chains related to coffee. The research integrates a bibliographic review, comparative analysis, and economic and productive data from the municipalities of Campos Gerais, Alfenas, and Varginha, highlighting their roles within the urban hierarchy and the coffee agribusiness. The findings indicate that Campos Gerais, a municipality with a small city, plays a significant role as a coffee producer but remains economically dependent on larger centers such as Alfenas and Varginha, which, as medium-sized cities, concentrate infrastructure, services, and capital, linking local and regional production to the global market. The study argues that, although regional coffee production is predominantly carried out by municipalities with small cities, it is embedded within broader agribusiness scales, which involve the concentration of specialized services, capital, and logistics in medium-sized centers such as Alfenas and Varginha. These cities play a crucial role in articulating local production with global markets, thereby adding complexity to the spatial relationships between places.

Keywords: urban network; rural-urban relationship; coffee growing; productive specialization; international trade.

Introdução

A formação das cidades capitalistas está profundamente ligada ao aperfeiçoamento das sociedades agrárias e à divisão do trabalho. Inicialmente, com a expansão das atividades agrícolas e a necessidade de troca e circulação de produtos, as primeiras cidades surgiram como centros de troca e organização política, marcando a transição da autossuficiência rural para uma estrutura onde a cidade se tornava o polo de coordenação do espaço agrário. Com o tempo, a divisão do trabalho intensificou-se, consolidando a cidade como o centro das decisões políticas e administrativas, enquanto o campo continuava a suprir a produção material (Queiroz, 1979). Assim, o processo de urbanização, aliado ao desenvolvimento tecnológico, alterou as bases da produção agrícola, com a cidade se impondo como centro econômico e político dominante (Rosas, 2014). Essa transformação resultou em

especializações cada vez mais complexas e em uma hierarquia urbana onde as cidades médias e grandes assumiram o papel de comando.

Com o aumento das redes de comunicação e as exigências do agronegócio global, cidades dotadas de infraestrutura avançada e capacidade de conexão com o mercado externo, como Varginha e Alfenas, na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, consolidaram-se como polos intermediários estratégicos. Com fortes características de “cidades do agronegócio” (Elias, 2022) essas cidades concentram recursos e infraestrutura essenciais para a comercialização de *commodities*, como portos secos e cooperativas, ao mesmo tempo em que fornecem serviços especializados ao campo. Assim, o espaço urbano e rural passou a ser configurado por uma hierarquização cada vez mais acentuada, onde as cidades pequenas, apesar de produtivas, dependem das cidades médias para acessar tecnologias, serviços e canais de exportação.

Dessa forma, essa pesquisa intenta discutir o papel de uma cidade pequena, Campos Gerais, altamente dependente e especializada na produção agropecuária e que está inserida em uma rede urbana pouco complexa, sem a presença de cidades grandes e na qual as cidades médias, como Varginha e Alfenas, polarizam diversos municípios próximos. A região também é, em grande parte, especializada na produção agrícola, principalmente do café, o que dita muitas de suas dinâmicas socioeconômicas, políticas e culturais, propiciando um produzir do espaço singular, influenciado por capitais estrangeiros e multinacionais que comandam o setor. Intentamos, assim, propor como as cidades médias, em redes urbanas pouco complexas, possuem um papel organizacional específico, funcionando como lugares do articular os lugares do fazer e do comandar.

Para realizar tal proposta foi necessária uma revisão bibliográfica sobre o que a academia entende hoje como cidades médias e cidades pequenas, observando alguns padrões de conceituação de tais espaços. Ademais, buscamos fazer uma análise comparativa entre três municípios sul mineiros: Campos Gerais, Alfenas e Varginha. A intenção foi de comparar dados sobre a produção agropecuária e os fixos voltados ao atendimento do agronegócio nesses três municípios, buscando demonstrar as contradições que condicionam a importância de cada um desses municípios na rede urbana e no funcionamento do agronegócio. Ainda, foi realizado um mapeamento de como tais municípios se conectam globalmente devido suas relações com a agropecuária mundial.

O fazer das cidades pequenas na confluência com as cidades do agronegócio

Assim como aludiam Santos e Silveira (1996), o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações. Mais do que nunca, o espaço geográfico é resultante de uma construção coletiva permeada por ações políticas, econômicas e socioculturais combinada por comandos em diferentes escalas (Endlich, 2006). A complexidade de tais relações não permite desassociar as análises locais às escalas que se interpenetram nas malhas territoriais que conformam o espaço. Como bem pontua Endlich (2006, p. 282) se “Atentar para as dinâmicas e limites do local implica em um olhar interescalar”.

Sobre as cidades pequenas, vários autores já discorreram acerca de suas significações ao nível do real, como Corrêa (2004), Endlich (2006), Sposito (2010), Moreira Junior (2011), dentre tantos outros. Nessas contribuições, são ao menos três pontos que se concretizam como consensos. O primeiro deles é que os estudos das cidades pequenas não podem ignorar sua direta ligação com os espaços rurais que as circundam. Como aponta Corrêa (2004, p.75), “As pequenas cidades nasceram ou rapidamente se tornaram lugares centrais de pequenas hinterlândias agropastoris”. Moreira Junior (2011, n.p.), corrobora ao dizer que ao “delinear um estudo em cidades pequenas, a relação entre o urbano e o rural salta aos olhos, são visíveis os nexos que se estabelecem entre ambos, seja nas funções ou na estruturação e transformações espaciais”.

Entretanto, diferente de décadas atrás, as relações campo-cidade se alteraram significativamente após a modernização da agricultura. A agricultura moderna, voltada para a exportação, devido ao seu caráter transnacional e altamente integrada aos interesses do capital industrial e financeiro, determinou uma nova forma de divisão internacional do trabalho. Hoje, não necessariamente, a produção rural de um município vive em prol de beneficiar sua cidade, ou ser dela tributária (Sposito, 2010).

As pesquisas em pequenas cidades devem ser prescindidas pela reflexão campo-cidade que as formaram e/ou as reestruturaram. Porém, tão importante quanto, é entender o contexto agropecuário dos lugares e das regiões que essas cidades se encontram, observando o peso que a modernização da agricultura exerce sobre tais espaços.

O segundo ponto, diz respeito ao tamanho e as características demográficas das pequenas e médias cidades. É, sem dúvida, uma variável importante para se caracterizar

uma cidade como pequena, além de ser causa e consequência de sua importância polar na rede urbana. Entretanto, a variável populacional por si só, é vazia em termos conceituais para se entender tais espaços. Não existe uma correspondência direta entre o tamanho demográfico de uma cidade e seu papel na rede urbana (Vieira; Roma; Miyazaki, 2007), pois diversos fatores influenciam sua classificação além do contingente populacional, como a polarização e as interações com outros municípios.

A terceira questão diz respeito a importância de se entender a rede urbana na qual essa cidade está inserida. O pensar as pequenas cidades, implica, necessariamente, o pensar da própria rede urbana e das cidades que nela existem, assim como seus papéis, funções e os objetos que nesses centros determinam as ações e são determinados por elas. Não é possível entender as cidades apenas olhando para elas. Como discorre Corrêa (2004, p. 66), “Reflexo, meio e condição social, a rede urbana é parte integrante da sociedade e de sua dinâmica, incorporando e agindo sobre as suas contradições, conflitos e negociações.” Consoante com muitos dos processos de modernização da agricultura e suas consequências na produção do espaço e suas desigualdades, a partir da década de 1970, a rede urbana, seu conjunto articulado de cidades, municípios e suas hinterlândias, tem passado por grandes transformações econômicas, sociais e políticas (Corrêa, 2004).

Tais mudanças, reestruraram as formas de hierarquia entre os lugares, muitos pautados pelas novas formas de organização da sociedade e de uma mais complexa e variável divisão territorial e social do trabalho. Outras formas de hierarquia surgiram pela “nova” ordem econômica. Aparecem relações transversais onde, não necessariamente, as pequenas cidades sofrem influência direta das cidades médias que as circundam. Porém, é também falacioso impor que as antigas relações de hierarquia entre as cidades pequenas, médias e grandes tenham se extinguido. O mais correto é pensar que “se estabelecem tanto no sentido hierárquico, como no sentido horizontal ou transversal, uma vez que uma mesma cidade é o espaço de ação e decisão de atores econômicos que se relacionam em diferentes escalas” (Sposito, 2010, p. 53).

Dentro desses paradigmas da rede urbana hodierna, suas relações de transversalidade e somado aos efeitos e a intencionalidade da modernização da agricultura, nascem, como discutido por Elias (2007, 2022), as chamadas cidades do agronegócio. Tais cidades são forma, processo, estrutura e função da (re)produção do

capital agroindustrial, funcionando como “pontos e nós fundamentais na rede de relações econômicas, sociais, políticas, territoriais e de logística do agronegócio” (Elias, 2022, p. 1009). Constituem-se como elos diversos nos circuitos espaciais de produção e nos mecanismos de cooperação da produção agropecuária e agroindustrial. Como resultado, as interações entre as escalas locais e regionais tornam-se intensas com as escalas nacionais e globais, reforçando que o modo de produção capitalizado do agronegócio se espacializa por meio da relação dialética entre o local e o global. Tal dinâmica evidencia transformações significativas nas relações entre campo e cidade (Elias, 2022).

Segundo Elias (2007), são cidades pequenas ou médias capazes de suprir imediatamente as necessidades logísticas, financeiras, técnicas, científicas e de mão de obra para o agronegócio mundial, porém em escala regional. “São os espaços urbanos não metropolitanos inseridos em amplas regiões produtivas de commodities agrícolas, nos quais ocorre a gestão local e regional do agronegócio” (Elias, 2022, p. 1009). Ou seja, a relação com a agricultura mundial, torna tais espaços mediadores de relações transversais com lugares litologicamente distantes. Porém, pensamos que o suprimento das necessidades do agronegócio demanda bens, serviços e infraestruturas que normalmente não são encontradas em sua completude em cidades pequenas. Tais serviços tendem a se concentrar em centros urbanos maiores, com maior concentração de capital agropecuário, onde as multinacionais que comandam o setor demonstram mais interesse em sua territorialização. São as cidades médias o principal lócus dessas atividades de articulação e de organização do agronegócio na Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, relegando, muitas vezes, aos municípios com cidades pequenas o mero fazer da agricultura, que será organizada em outros espaços.

Uma noção interessante para se pensar o espaço agrário e algumas dinâmicas da urbanização recente brasileira é a noção de Regiões Produtivas Agrícolas (RPA) defendida por Elias (2011). Em tais regiões “[...] estão partes dos circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação (Santos, 1988) de importantes *commodities* (Elias, 2011, p. 155). Comandadas por empresas multinacionais, a autora defende que tais regiões são os lugares funcionais dessas empresas. Com caráter relacional entre o local e o global, são regiões altamente articuladas com o internacional onde as verticalidades são

imperiais às horizontalidades (Elias, 2011), ainda que estas existam, e como tentaremos mostrar, são tanto quanto importantes para o funcionamento desigual do sistema.

Para a autora, essas regiões tornaram-se lugares do “fazer” do agronegócio globalizado, espacialmente distantes dos lugares do “gerir” o setor. Tal perspectiva nos permite aproximar do entendimento dessa nova realidade de divisões do trabalho que complexificaram os territórios e as relações entre eles. Entretanto, a escala de região nos parece ainda ser incipiente para demonstrar essa verdadeira complexidade, pois abarca uma gama de relações que não se limitam ao fazer, mas também ao articular tais lugares do fazer com lugares do comandar. Ainda sobre as regiões do fazer e do gerir, nos parece necessária uma atualização etimológica no que concerne à gestão. A palavra gerir prescinde do gerenciamento de algo por alguém, de um objeto por uma ação. É amplo e não se limita à uma única escala de um determinado setor. É, segundo Ferreira (2000), administrar, desempenhar funções de gerência. Em todos os lugares e em todas as etapas ocorre a gestão em alguma escala de determinado fenômeno. Nos lugares do fazer ocorre a gestão local, nos lugares do articular a gestão regional enquanto aos lugares do comandar resta a gestão nacional ou global, cada qual com suas diferentes especificidades, mas todas em uma relação de complementaridade indissociável. Por outro lado, a palavra comando, parte do pressuposto de decidir, em razão de autoridade, o que deverá ser feito por outros, a partir da ordem (Ferreira, 2000). A questão é que tal comando não precisa, necessariamente, ser explícito ou direto. A exemplo do que ocorre no comando do setor agropecuário mundial, onde determinadas empresas e grupos políticos, a partir de suas imposições econômicas e espaciais, comandam de forma “indireta” o que será produzido em espaços alhures aos lugares aos dos atores decisórios. Dessa forma, nos parece mais interessante discutir sobre três lugares: o do fazer, o do articular e o do comandar.

A escala urbana se estrutura funcionalmente de forma heterogênea sobre o território brasileiro, porém a polarização exercida pelas cidades médias, que contemplam as redes urbanas, ainda nos parece um fator decisivo de funcionamento econômico e social. Em Regiões Produtivas Agrícolas, como no caso do café sul mineiro, as cidades médias – que podemos entender nesse contexto sul mineiro aqui analisado também como cidades do agronegócio – parecem drenar recursos dos lugares do fazer, articulando não

só a produção municipal, como também de toda a região, sendo um nó importante entre o local – lugar do fazer – e o global – lugar do comandar –. Devido ao caráter articulador desses espaços, eles concentram bens e serviços que cumpram esse papel de mediador entre os lugares de produção e o destino final, como *trading's* agrícolas, cooperativas e fixos voltados à logística. Elas se tornam verdadeiros nós nessa complexa rede, concentrando funções, finanças, logística e serviços especializados que conectam a produção ao mercado internacional. Nos lugares do fazer, fixos voltados ao atendimento imediato à produção são hegemônicos comparados aos de logística. Buscando demonstrar tais proposições, será analisado um conjunto de dados produtivos, econômicos e espaciais entre os municípios da rede urbana sul mineira: Campos Gerais, Alfenas e Varginha.

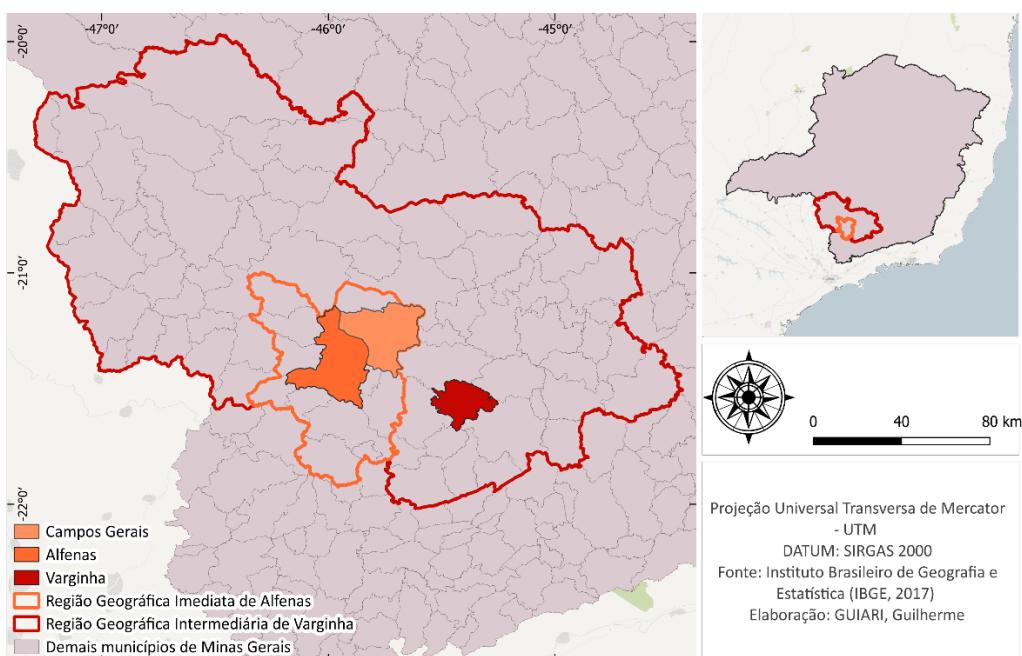
Cidades pequenas e médias: entre o fazer e o articular

A mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais tem como característica a ausência de grandes cidades e apresenta uma rede urbana pouco complexa, com grande número de pequenas cidades polarizadas por poucas cidades médias que, não necessariamente, possuem um grande contingente populacional. Entretanto, exercem tais funções pela concentração de bens, serviços e infra estruturas que aumentam sua influência na rede urbana. Boa parte dos municípios onde se localizam essas pequenas cidades possuem forte ligação com a agropecuária, principalmente a produção de café. Contudo, isso não significa que a produção da *commodity* auxilie no desenvolvimento dessas cidades, visto que os lucros reais da produção se concentram alhures aos lugares produtores.

A região exerce um papel relevante no cenário nacional, sendo a principal mesorregião produtora de café do Brasil, tendo produzido mais de 669 mil toneladas em 2023, representando 19,65% de todo o café produzido no país (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2023). Além das vastas extensões de plantio dessa *commodity*, no Sul/Sudoeste de Minas existe a presença de inúmeras cooperativas que são importantes para o circuito agroindustrial e para o desenvolvimento desigual e combinado do capital do agronegócio, sendo a principal fonte de geração de renda na região. Esse contexto insere o Sul/Sudoeste de Minas de maneira expressiva no mercado globalizado, o que provoca impactos significativos na organização e na estrutura da rede urbana regional (Alves, 2019).

Entre os principais produtores de café do Sul/Sudoeste de Minas, destaca-se Campos Gerais, que tem se mantido como o maior produtor da região nos últimos anos (IBGE, 2022). Trata-se de um município com 26.105 habitantes (IBGE, 2022), e que apresenta baixa centralidade urbana na hierarquia regional. Está inserido na Região Geográfica Imediata de Alfenas, cuja sede, o município homônimo, possui 78.970 habitantes e apresenta uma cidade que pode ser classificada como média, em razão da centralidade que exerce sobre os demais centros urbanos da microrregião. Por sua vez, a RGI de Alfenas integra a Região Geográfica Intermediária de Varginha, cujo a capital regional conta com 136.467 habitantes, que desempenha importante papel de polarização e concentração de bens e serviços em escala regional (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização dos municípios de Campos Gerais, Alfenas e Varginha e suas respectivas áreas de influência (2024)



Fonte: IBGE, 2017. **Org.:** dos autores, 2024

Segundo a Pesquisa de Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2018), Campos Gerais é caracterizado como Centro Local. Por Centro Local o IBGE entende aqueles centros urbanos que são capazes apenas de contemplar as demandas internas e locais, possuindo pouca influência na rede urbana regional ou nacional. Alfenas é considerado um Centro Sub-Regional de categoria A, ou seja, concentra um conjunto de equipamentos urbanos e infraestruturas que a habilitam a atender às demandas de uma região. Enquanto

Varginha é considerada uma Capital Regional de classe C, ou seja, exerce uma influência mais abrangente, polarizando um número significativamente maior de municípios, incluindo Campos Gerais e Alfenas. A presença de um setor industrial mais diversificado, de um comércio mais dinâmico e de uma oferta mais ampla de serviços especializados, principalmente ligados à logística, contribuem para reafirmar seu papel de capital regional na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas.

Segundo os estudos de Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007), Alfenas e Varginha são exemplos emblemáticos da hierarquia urbana mineira, servindo como polos de integração essas cidades também podem ser classificadas como cidades médias de Minas Gerais, cada uma ocupando diferentes patamares de influência e desenvolvimento na sua região. Alfenas, classificada como uma cidade média propriamente dita, desempenha uma função de intermediação na rede urbana regional, integrando e fortalecendo fluxos entre centros urbanos maiores e as pequenas cidades ou zonas rurais adjacentes. Em contraste, Varginha é classificada como uma cidade média de nível superior, com maior poder de atração econômica e demográfica, posicionando-se como um polo regional consolidado. Nesse sentido, a cidade apresenta um equilíbrio entre os setores secundário e terciário, incluindo uma indústria mais ativa e serviços mais diversificados e especializados que os de Alfenas, além de estabelecer relações econômicas em escalas maiores, conectando-se com maior frequência e intensidade a outras regiões do Brasil e do globo (Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2007).

Se analisarmos a proposição de Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007) em conjunto com a proposta de Regionalização do IBGE (2017) de Regiões Imediatas e Intermediárias, vemos características similares entre as propostas, as quais ambas aprofundam a compreensão dos papéis distintos que cada cidade desempenha na rede e hierarquia urbana da Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas. Destarte, as Regiões Geográficas Imediatas constituem o nível mais local desse modelo e se formam em torno de polos urbanos capazes de satisfazer as demandas cotidianas de sua população e das circundantes permitindo uma circulação mais fluida e direta dentro dessa rede urbana, revelando os movimentos cotidianos de pessoas que buscam tais serviços, o que caracteriza um modelo de organização zonal ou de território-contínuo.

Já as Regiões Geográficas Intermediárias organizam o espaço a partir de centros urbanos de maior relevância e que desempenham um papel articulador entre as regiões imediatas e o contexto nacional e internacional. Nelas, a oferta de serviços e a complexidade funcional dos polos é mais alta, o que permite a esses centros intermediários coordenar fluxos econômicos, administrativos e de mobilidade com maior intensidade, integrando-se de forma mais ampla à rede urbana. Assim, esses centros intermediários atuam como nós estratégicos que conectam áreas menores a circuitos de alcance mais amplo, refletindo uma organização em rede que inclui fluxos de longo alcance (IBGE, 2017).

Já a cidade de Campos Gerais é classificada como um centro urbano emergente segundo a hierarquização de Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007). Esse nível hierárquico inclui cidades que se encontram em uma faixa transicional entre pequenas e médias, com características socioeconômicas e infraestruturas urbanas em desenvolvimento. Em geral, os centros emergentes, como Campos Gerais, possuem uma economia ainda em fase de estruturação, podendo apresentar desequilíbrios setoriais, com predominância de atividades ligadas ao setor primário, como a agricultura. Assim, desempenha um papel importante para os espaços rurais ao seu redor, oferecendo serviços essenciais e atuando como uma primeira conexão desses espaços com o mundo urbano. Neste estudo optamos por considerar Campos Gerais como uma pequena cidade, devido, como será apresentado, sua baixa centralidade na rede urbana e sua grande dependência de centros maiores para o funcionamento dos seus fluxos socioeconômicos.

O município de Campos Gerais possui uma economia fortemente dependente do setor agropecuário. Segundo dados do Banco Mundial, a média nacional de valor agregado da agropecuária no Produto Interno Bruto (PIB) nacional é de 6,2% do total (Banco Mundial, 2023). Em 2021, Campos Gerais somava 40,75% de participação do setor para o PIB municipal (Tabela 1).

A indústria em Campos Gerais representava até 2021 apenas 4,94% do valor agregado total, enquanto os serviços representavam 34,79%, valor esse considerável, mas ainda inferior ao setor agropecuário. O que se deve levar em consideração, é que mesmo o setor de serviços sendo, em nível de dados secundários, separado do setor agropecuário, boa parte desses serviços em Campos Gerais existem para atender as demandas do setor

agropecuário e do agronegócio. Em nível de realidade concreta, tais elementos se mesclam na produção do espaço social e econômico do município.

Tabela 1 - Participação de valores adicionados da agropecuária, indústria e serviços no PIB municipal de Varginha, Campos Gerais e Alfenas

Município	Agropecuária	%	Indústria	%	Serviços	%	PIB
Varginha	88.572	1,42%	1.549.575	24,79%	3.920.910	62,72%	8.093.809
Campos G.	272.058	40,75%	32.999	4,94%	232.245	34,79%	704.549
Alfenas	285.843	9,65%	507.199	17,12%	1.759.700	59,38%	3.485.866

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP, 2021).

Quando analisadas as participações dos setores no PIB dos municípios de Alfenas e Varginha, observamos diferenças consideráveis. Embora o valor total do setor agropecuário em Alfenas supere o de Campos Gerais, é importante notar que o PIB de Alfenas é quase cinco vezes maior do que o deste último município. Ademais, o valor superior não reflete em maior dependência do setor, visto que a agropecuária representa apenas 9,65% do valor agregado do PIB de Alfenas. A indústria representa um peso bastante superior (17,12%) se comparado ao primeiro município. Sendo o setor de serviços aquele com maior participação no PIB de Alfenas, somando mais de 1,7 bilhões (59,38%) demonstra um maior dinamismo e complexidade no setor terciário do município de Alfenas.

Varginha apresenta baixa participação da agropecuária no PIB municipal, tanto em valores absolutos como percentuais. Com pouco mais de 88 milhões de reais advindos do setor, este representa apenas 1,42% do valor total agregado. Em contrapartida o setor secundário/industrial do município é mais desenvolvido e é responsável por 24,79% de todo o valor agregado municipal. Mas, é o setor de serviços que mais pesa na balança econômica de Varginha, somando 62,72% de participação e superando os 3,9 bilhões de reais. Vale ainda ressaltar que o PIB do município é mais de dez vezes superior ao de Campos Gerais e mais do que o dobro do de Alfenas.

Se analisarmos a produção de café nos três municípios, temos padrões de ordenamento diretamente relacionados aos valores agregados de participação da

economia. É possível observar uma linha de tendência negativa onde Campos Gerais é o topo da pirâmide de produção, seguido por Alfenas e Varginha (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Área plantada de café e quantidade produzida nos municípios de Campos Gerais, Alfenas e Varginha no ano de 2023



Fonte: Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2023).

No ano de 2023, Campos Gerais produziu 32.698 toneladas de café cultivados em 20.957 hectares, o que representou 68,46% do total de área plantada no município. Sendo um dos maiores produtores de café de Minas Gerais, Campos Gerais destina boa parte de seu espaço agrícola para a produção da rubiácea, dividindo o restante da área entre os cultivos de abacate, abacaxi, alho, arroz, aveia, banana, cana-de-açúcar, feijão, fumo, laranja, mandioca, milho, soja, sorgo, tangerina, tomate, trigo e uva. Por mais que seja um município altamente especializado na produção do café, a especialização não remete a exclusividade produtiva, e é observável uma gama variável de culturais, mesmo que em menor escala se comparados à produção da agricultura para exportação.

Alfenas produziu 22.190 toneladas da *commodity* em 13.065, e apresenta uma menor variedade de cultivos. Além do café é também plantado no município: banana, batata, cana-de-açúcar, feijão, goiaba, laranja, maçã, mandioca, maracujá, milho, soja, sorgo e trigo. Entretanto, diferente de Campos Gerais em que o café reina unânime na maior renda da produção agrícola, em Alfenas outros produtos de alto interesse para o mercado internacional também têm bastante peso na balança comercial, como a soja (12.500 hectares), a cana de açúcar (4.000 hectares) e o milho (8.175 hectares). No caso

de Varginha, a única produção relevante é a do café. Outras produções agrícolas como o abacate, banana, cana-de-açúcar, feijão, laranja, mandioca, milho e soja, não ultrapassam 500 hectares plantados. Enquanto Varginha, que apresenta uma menor área destinada à agricultura, cerca de 9 mil hectares, na qual o café ocupa 90,66%, teve uma produção de 13.828 toneladas com 8.231 hectares plantados.

O que se observa é que no caso da cidade pequena ocorre a especialização produtiva baseada no café, voltado para o mercado externo, deixando pouca renda final para a cidade onde o lucro real está alhures ao local de produção. Entretanto, mantém-se uma produção mais plural e consideravelmente alta no cultivo de alimentos, possivelmente voltados para o abastecimento local e regional e para o mantimento da população e das empresas regionais.

Nas cidades médias há ao menos dois padrões de percepção. No caso do município de Alfenas, cidade média propriamente dita (Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2007) a especialização produtiva ainda é visível, porém, através de um maior número de cultivares para a exportação. O café e a soja dividem quase o mesmo espaço no território agrícola de Alfenas, sendo seguidos pelo milho e pela cana-de-açúcar. O maior número de multinacionais e de segmentos do agronegócio presentes na cidade de Alfenas contribui para a hipótese de que a monopolização do território e do que nele é produzido é feita por essas multinacionais e pelos seus interesses privados em produzir o espaço para o desenvolvimento combinado e desigual do capital agropecuário internacional.

O segundo padrão é o de Varginha, cidade média de nível superior (Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2007), que possui um setor industrial mais desenvolvido do que dos casos anteriores. Aqui, a especialização produtiva é alta, porém com baixos valores totais de produção. A maior parte do território agrícola é destinado ao café. Os outros cultivos são ínfimos se comparados ao cultivo da *commodity*. Além do mais, levando em consideração os tipos de cultivares, as áreas destinadas a eles e o tamanho da população, provavelmente a produção de alimentos em Varginha é insuficiente mesmo para sustentar o próprio município.

A análise da produção cafeeira e a do PIB e seus setores, entre os municípios de Campos Gerais, Alfenas e Varginha traz à tona a discrepância entre o local da produção e os centros de concentração de renda. Campos Gerais, embora seja um dos maiores

produtores de café da região, permanece com uma estrutura econômica primária e dependente, enquanto Alfenas e Varginha, com infraestrutura logística e industrial superior, concentram os lucros e o capital derivados do agronegócio. Essa disparidade é um exemplo da divisão territorial do trabalho no capitalismo, em que a renda gerada pelo setor cafeeiro é centralizada nos centros intermediários, dificultando o desenvolvimento econômico e social do município produtor.

Corroborando com essa afirmação, dados do Comex Stat, apontam que Varginha teve o 5º maior valor exportado, entre os municípios mineiros, no ano de 2023, chegando a US\$1.613.390.637 de valor de exportação. Entre as classes de produtos exportados o destaque fica com “Café, mesmo torrado ou descafeinado”, com valor de exportação de US\$1.506.448.260, representando 93% do valor de exportação do município e 20% do valor total de café exportado pelo Brasil, configurando o maior valor de exportação dessa *commodity* entre os municípios brasileiros.

Assim, temos que os dados do Ministério da Economia (2023), conforme a Tabela 2, apontam um padrão inverso daquele mostrado pelos dados da produção de café em si. Mesmo produzindo 32.698 toneladas de café, o município de Campos Gerais exportou, apenas 168 toneladas, com valor total de 553.570 dólares. A venda foi destinada a dois países, Bélgica e Estados Unidos. Ressalta-se que o café foi o único produto exportado pelo município no ano.

Tabela 2 - Quantidade produzida, quantidade exportada e valor de exportação de café pelos municípios de Campos Gerais, Alfenas e Varginha em 2023

Municípios	Toneladas produzidas	Toneladas exportadas	Valor de exportação (US\$)
Campos Gerais	32.698	168	553.570
Alfenas	22.190	114.949	402.222.491
Varginha	13.828	414.793	1.506.448.260

Fonte: Ministério da Economia (2023); Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2023)

Em 2023 Alfenas exportou 114.949 toneladas de café, com valor de US\$ 402.222.491, o 5º maior do Brasil e o 3º da Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, tendo produzido apenas 22.190 toneladas. As exportações alcançaram 48 países, com destaque para Alemanha (ultrapassando US\$90.000.000), Estados Unidos, Itália, China, Países Baixos, Japão, Espanha, Bélgica, Coreia do Sul, Colômbia, Grécia e Canadá, todos com

compras superiores a US\$10.000.000. Além do café, Alfenas exportou outros 14 produtos, predominantemente do setor secundário, como fios e fibras sintéticas do setor têxtil, demonstrando maior dinamismo industrial em comparação a Campos Gerais.

Varginha exportou, em 2023, 414.793 toneladas de café (US\$1.506.448.260), apesar de ter produzido apenas 13.828 toneladas. O valor exportado foi 2.700 vezes superior ao de Campos Gerais, maior produtor da *commodity* entre os municípios analisados. Alemanha, Estados Unidos, Itália, Japão, Bélgica, China, Coreia do Sul, França e Países Baixos foram os principais compradores, cada um adquirindo mais de US\$50.000.000 em café. Além do café, Varginha comercializou 119 itens, incluindo produtos agrícolas não cultivados no município, como algodão, frutas e soja.

Torna-se contraditório, refletindo a própria contradição do modo de produção capitalista e de sua forma de articular a divisão do trabalho, lugar de produção e de renda. Não mais, o lugar que mais produz é aquele que mais vende. Ou menos, os lugares de maior produção são aqueles onde a renda vai se concentrar. Mas sim, onde os interesses do capital se alocam através de infraestruturas, bens e serviços. A concentração do interesse capitalista concentra também renda em pontos luminosos para seu desenvolvimento, drenando recursos financeiros e monetários de lugares alhures a si.

Corrêa (2004), já discutia sobre a capacidade de cidades médias em drenar recursos e renda fundiária de sua hinterlândia rural:

Hipotetiza-se que o processo de modernização da agricultura, gerador de complexos agroindustriais, ampliou o papel das cidades, particularmente as cidades médias, capitais regionais em particular, como centros de drenagem da renda fundiária, consumidores de grande parte da riqueza produzida em modernas fazendas (Corrêa, 2004, p. 75).

Entretanto, processos mais recentes parecem remontar os padrões de drenagem de renda fundiária, não mais se limitando ao espaço rural municipal. Mesmo a produção de outros municípios, principalmente daqueles com pequenas cidades, são absorvidas pela economia de centros maiores presentes na rede urbana regional. Parece-nos cabível discutir sobre cidades médias que se tornaram lugares do articular, absorvendo recursos econômicos e de mão de obra em prol de lugares do fazer – normalmente os municípios com pequenas cidades – responsáveis pela produção agropecuária direta e dependentes de serviços presentes apenas nos lugares do articular.

Alfenas e Varginha, enquanto cidades médias, expandiram suas funções dentro da rede urbana, atraindo novas atividades ligadas ao agronegócio e consolidando-se como centros logísticos, industriais e comerciais. Com o avanço da modernização agrícola e do agronegócio globalizado atividades como armazenamento, processamento, comercialização e transporte de café foram deslocadas para esses centros intermediários, onde multinacionais, cooperativas e empresas de logística e financiamento se concentraram junto a uma base sólida para o fomento ao agronegócio de exportação.

Alfenas, como uma cidade média propriamente dita (Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2007) e cidade polo da Região Imediata de Alfenas, vai concentrar uma maior variedade de comércio e serviços e infraestrutura ligados ao agronegócio, com destaque para cooperativas (Cooperativa Agropecuária de Alfenas, Coopama Alfenas, Cooxupé Alfenas), bancos (Sicredi, Sicoob, Unicred, Credfenas), empresas de produtos, maquinários e serviços de agricultura de precisão, além de lojas como Adubos Real, Safra e Café Brasil (Correia; Freire; Alves, 2023).

Entretanto, aqui destacamos dois diferenciais para que Alfenas tenha o 3º maior valor de exportação de café do Brasil. O primeiro, a atuação de diversas exportadoras e *tradings* agrícolas, presentes em Alfenas, a exemplo o Grupo Grão de Ouro, Ipanema Coffees, Cofco Internacional e a Olam Agrícola Ltda, essa última, multinacional com sede em Singapura, é uma das maiores comerciantes de café do mundo. São essas empresas que vão fazer o papel de armazenar a produção regional e articular a logística e a distribuição dos grãos, conectando a produção local aos mercados internacionais. Esse processo de intermediação comercial coloca os cafeicultores da região em uma rede global de comercialização, promovendo exportações de alta escala.

O segundo, está relacionado com o primeiro, e diz respeito a estrutura de armazenamento, segundo o Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras da Companhia Nacional de Abastecimento (SICARM-CONAB, 2023), o município possui capacidade superior a 100 mil toneladas de armazenamento para o café. Essa rede de estabelecimentos está intrinsecamente ligada com as exportadoras e é composta por empresas multinacionais, das quais destacam-se COFCO Internacional com mais de 40 mil toneladas de armazenamento disponíveis e OLAM Agrícola com mais de 36 toneladas de armazenamento disponíveis, e que atuam intensivamente na compra, armazenamento

e exportação de café (Alves; Lindner, 2020) e praticamente dominam a infraestrutura de armazenamento no município de Alfenas.

Além das multinacionais, também vemos a presença de armazéns da cooperativa regional Cooxupé (A Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé) com mais de 15 mil toneladas de capacidade de armazenamento disponíveis e a presença também de armazéns da fazenda Ipanema *Coffees*, com capacidade para pouco mais de 6 mil toneladas (CONAB, 2023), empresa que tem um papel significativo na exportação de cafés especiais, conta de cerca de 6 mil hectares de café distribuídos em várias fazendas, fornecendo para mercados internacionais e marcas como Starbucks e Nescafé (Alves; Lindner, 2020).

Já Varginha, classificada como cidade média de nível superior (Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2007), para além de uma gama mais diversificada de comércios e serviços que os presentes em Alfenas, apresenta também uma maior concentração de objetos no espaço que facilitam a absorção e escoamento da produção de outros municípios. Dados do SICARM (CONAB, 2023), apontam capacidade de armazenamento superior a 500 mil toneladas, espalhados entre cooperativas, empresas privadas, multinacionais e unidades armazenadoras do Estado. Entre as maiores podemos citar a Armazéns Gerais Leste de Minas (AGLM) com 49 mil toneladas de armazenamento disponíveis, atua no armazenamento e escoamento dos grãos para os portos.

Também a CONAB, com uma de suas sete unidades no estado de Minas Gerais situada em Varginha e com capacidade de armazenamento de mais de 24 mil toneladas, também a LIV Logística Armazéns Gerais LTDA (81 mil toneladas), Usina COCATREL-MINASUL Comercial Exportadora (26 mil toneladas), Tristão Companhia de Comércio Exterior (26 mil toneladas), Cooperativa Agroindustrial de Varginha (MINASUL) (42 mil toneladas). Além das multinacionais exportadoras que também tem suas unidades armazenadoras como a Louis Dreyfus Company (29 mil toneladas) e a NKG Stockler (33 mil toneladas), duas das maiores empresas de exportação de café do mundo.

Além dessas multinacionais outras gigantes globais do comércio de café também têm filiais em Varginha, são exemplos a StoneX Comércio e Exportação de Commodities, com sede em Nova York, a SUCAFINA multinacional com sede em Genebra, a VOLCAFE exportadora do grupo ED&F Man *Commodity* com sede na Suíça, além da KDP Global Sourcing que tem sede nos Estados Unidos e recentemente abriu uma filial

na cidade. Disputando espaço e interesses com essas gigantes, vemos estruturados, ao longo da Rua do Comércio do Café e da Alameda do Café, ambas vias constituintes do bairro Industrial Reinaldo Foresti, incontáveis estabelecimentos especializados na exportação cafeeira, entre corretoras, armazéns, institutos de pesquisa empresas de logística e cooperativas, temos nesse bairro uma verdadeira centralidade regional no que diz respeito ao comércio exterior cafeeiro.

Varginha, assim, se estrutura como um importante centro de integração e decisão regional e vai sediar por exemplo o Centro do Comércio do Café do Estado de Minas Gerais (CCCMG), uma instituição sem fins lucrativos, com mais de 100 associados agregando armazéns, beneficiadores, certificadores, consultores, cooperativas, corretores, exportadores e importadores, produtores e transportadoras. Alguns exemplos são, COFCO *International* Comércio e Armazenagem de Grãos Ltda e Olam Armazéns Gerais Ltda instaladas em Alfenas, além de Sendas Comércio Exterior e Armazéns Gerais S/A, Copag – Cia. Capital de Armazéns Gerais, Cooperativa Central de Cafeicultores e Agropecuaristas de Minas Gerais Ltda (COCCAMIG), Cooperativa dos Produtores de Café Especial dos Martins (COOPERCAFEM), VOLCAFÉ Ltda, e diversas outras. A CCCMG está instalada na Rua do Comércio do Café e é uma importante prestadora de serviços e difusora de informações relacionadas ao agronegócio cafeeiro.

Nas proximidades estão instalados também a 5º Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal (SIPOA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, responsável por certificações e inspeções de padrões sanitários e Fundação Procafé, sediadas no mesmo endereço, ao fim da Alameda do Café. A fundação Prócafé, é uma entidade certificada pelas principais instituições do setor cafeeiro (UTZ, Rainforest, BSCA), de direito privado, instituída pelas principais cooperativas agrícolas, cooperativas de crédito, sindicatos e associações do Sul/sudoeste de Minas Gerais, a exemplo a Cooxupé, Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas Ltda (COCATREL), Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Varginha Ltda. (MINASUL), Cooperativa de Cafeicultores de Campos Gerais e Campo do Meio (COOPERCAM), SICOOB CREDIVAR, Associação dos Produtores Rurais do Sul de Minas (ASSUL), Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (OCEM) e diversas outras. Sendo a principal função do instituto promover pesquisa, suporte e difusão de tecnologias

relacionadas ao agronegócio do café, mantendo parcerias com diversas instituições e empresas do setor, tanto no Brasil quanto no exterior, colaborando para expandir os mercados de exportação (Fundação Procafé, 2023).

Mas principalmente, a presença do porto seco, um fixo estratégico e diferencial na rede de exportações de café. Estrategicamente localizado a menos de 400 Km dos principais aeroportos e portos do Brasil, foi a primeira estação aduaneira do interior a entrar em funcionamento, cerca de 30 anos atrás. Fornece estrutura para atender a demanda do agronegócio exportador, a exemplo, um armazém de café climatizado com capacidade de 600 mil sacas, além de escritórios administrativos de órgãos reguladores, como a Receita Federal, o Ministério da Agricultura e a Anvisa, o que facilita a inspeção e a liberação dos produtos (Porto Seco Sul de Minas, 2024).

Outro diferencial do porto seco são as certificações internacionais que a instalação possui, essenciais para multinacionais que operam na exportação de café. Dentre essas certificações estão o Operador Econômico Autorizado (OEA), que confere maior segurança e agilidade aos processos aduaneiros, e as certificações de Cadeia de Custódia para o café, como UTZ e Rainforest Alliance, que permitem a armazenagem de cafés certificados, garantem a rastreabilidade dos lotes e o cumprimento de rigorosos requisitos socioambientais. Além disso, o porto seco possui a certificação C.A.F.E. Practices, da Starbucks, o que permite que o café comercializado com essa rede global seja armazenado de acordo com padrões específicos (Porto Seco Sul De Minas, 2024). Entendemos que essas certificações e estrutura são um diferencial competitivo que atrai e facilita a territorialização das empresas exportadoras nacionais e multinacionais em Varginha.

A presença dessas multinacionais — como SUCAFINA, Neumann Kaffee Gruppe, Volcafe Ltda/ED&F Man e Louis Dreyfus Company — reforça a função de Varginha como um nó articulador na rede global de exportação de café. São principalmente essas empresas que, ao usufruem das vantagens de infraestrutura e logística de Varginha, além das certificações aduaneiras do Porto Seco, estabelecem uma rede de negócios e de geração de valor que integra a produção regional aos circuitos internacionais do agronegócio e consequentemente reforçam Varginha como uma referência de coordenação e liderança na cadeia exportadora do café.

Campos Gerais, portanto, apesar de sua produtividade, permanece distante desse controle logístico, financeiro e industrial do café, reforçando uma posição subordinada na cadeia produtiva, com o valor agregado concentrado nos centros intermediários. Essa presença de serviços logísticos, financeiros e de armazenamento, além das tecnologias avançadas e à assistência técnica especializadas, reforça o papel dessas cidades médias como pontos articuladores dentro da rede urbana regional, intermediando etapas da produção e comercialização agrícola de municípios com cidades menores. Enquanto a cidade pequena permanece dependente da atividade agrícola, as cidades médias concentram cada vez mais serviços e infraestrutura avançada que possibilitam o desenvolvimento pleno do agronegócio globalizado.

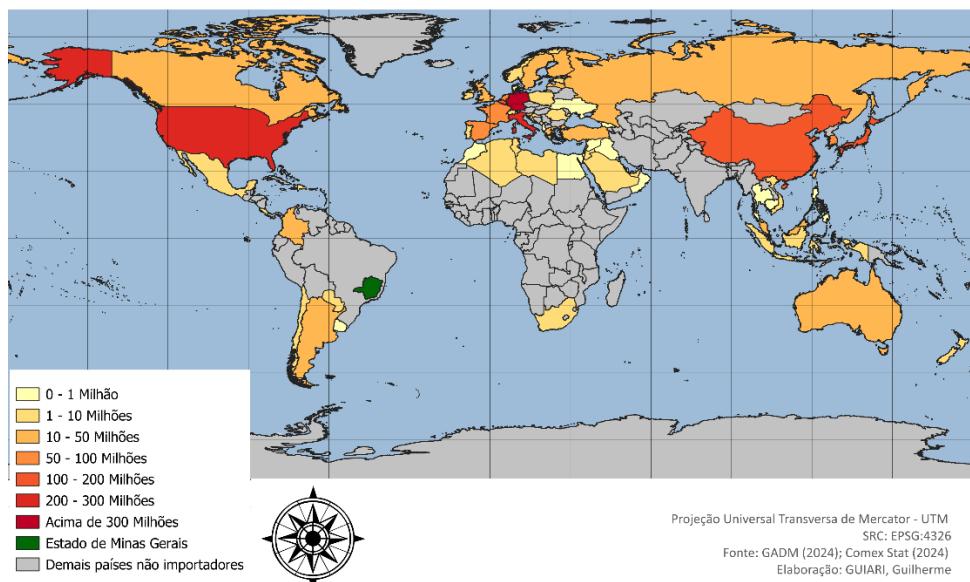
Tais dinâmicas refletem essa nova ordem de divisão territorial do trabalho pautados em uma divisão internacional e intelectual, comandados por grandes empresas do setor. Nessa nova articulação da rede urbana e suas articulações com outras redes, as cidades, incluindo pequenas e médias, hodiernamente têm a capacidade de se vincular economicamente através de relações verticais e transversais ligando o local ao global em grandes escalas de alcance. Ligam-se, através de relações horizontais, verticais e transversais, lugares do fazer do agronegócio – principalmente cidades pequenas –, lugares do articular o agronegócio – principalmente cidades médias – e lugares do comandar o agronegócio – cidades nacionais e globais –, redefinindo constantemente o papel das cidades em diferentes redes urbanas.

Ao analisar os três municípios aqui estudados, podemos, ao menos em nível econômico, demonstrar como cidades pequenas e médias produtoras de café no Sul de Minas se articulam em nível global com diversos países (Mapa 2).

Muitas vezes, cidades pequenas e médias são negligenciadas em termos de importância econômica e colocadas em segundo plano nas análises urbanas. Entretanto, o que se parece é que tais espaços são a base fundante de diversos setores econômicos onde localizam-se os lugares do fazer e do articular diversas atividades com importância econômica e social de nível global. A cafeicultura, responsável também por possibilitar diversas dinâmicas de capital internacional tem seu pilar em pequenas cidades e municípios que talvez nem entendam a importância de sua atividade para o

funcionamento da economia mundial. Como disse Santos (1996, p. 10), “Nos dias atuais, os lugares são condição e suporte de relações globais que sem eles não se realizariam”.

Mapa 2 - Exportações de café pelos municípios de Varginha, Alfenas e Campos Gerais caracterizado por valor de exportação (em dólares) no ano de 2023



Fonte: Comex Stat (2024). **Org.:** dos autores, 2024

Entende-se, neste caso, que o município de Campos Gerais, dentro de uma perspectiva macro escalar, exerce o papel de realizar a produção agrícola em si, limitado ao fazer a agricultura, possuindo o mínimo de recursos e infraestrutura para sua realização. Em contrapartida, os municípios de Alfenas e Varginha, por possuírem uma maior concentração de capital da agropecuária internacional, exercem a função de articular essa produção regional pelo território nacional até a exportação dos produtos. Entretanto, essa autonomia de articulação da produção é, também, limitada e ditada pelos interesses da agricultura mundializada e das empresas multinacionais que comandam o setor. Isso não deve ser negligenciado.

A realidade apresentada por esses três municípios não deve ser lida como uma regra ou um padrão que ocorrerá em todas ou várias regiões e redes urbanas espalhadas pelo país. A heterogeneidade marca o território brasileiro e sua realidade urbana e rural. É intentado, aqui, não construir respostas, mas levantar mais questionamentos sobre o papel das pequenas cidades brasileiras e instigar pesquisas sobre elas nas mais diferentes regiões brasileiras. Cidades pequenas como Campos Gerais, onde realizam-se as bases

materiais para o desenvolvimento de todo um setor produtivo, devem possuir mais relevância social, política e econômica.

Considerações finais

A complexidade espacial atual permite e demanda que haja contribuições e atualizações de antigas teorias espaciais. A rede urbana hoje é, antes de mais nada, marcada por uma heterogeneidade complementar que funciona de forma desigual para o funcionamento síncrono de todo um sistema. Diversos lugares possuem diferentes papéis para o desenvolvimento desigual e combinado do modo de produção capitalista. Nesse sentido é que buscamos discutir como existem diferentes papéis para diferentes cidades na rede urbana, com a lente focada na agropecuária brasileira. Municípios com cidades pequenas, como Campos Gerais, desempenham um papel importante na produção agrícola regional, sustentando setores estratégicos da economia. É fundamental, portanto, compreender as relações de interdependência entre os diferentes níveis da rede urbana, reconhecendo a importância das cidades pequenas como peças-chave na rede de comercialização agrícola regional e nacional.

O agronegócio foi e é ainda um motor imponente para a urbanização brasileira, concretizando padrões únicos de produção e manutenção de diversas cidades brasileiras. Dessa forma, defende-se que as cidades pequenas na confluência com as cidades do agronegócio possuem um papel de importância muito maior do que as é relegado. São nesses espaços que, majoritariamente, a produção agrícola se dá e é gerenciada à nível primeiro. Funcionam como espaços subordinados do fazer do agronegócio, reproduzindo fragilidades econômicas e sociais devido à essa própria subordinação. Na mesma pirâmide de submissão, encontram-se cidades médias com maior participação do capital internacional, onde instalam-se empresas multinacionais e nacionais que visam, principalmente, facilitar os fluxos entre os diversos fixos que fazem parte das cadeias produtivas do agronegócio. Nessas cidades encontram-se a base material necessária para que haja as primeiras etapas de comercialização e de escoamento da produção, assim como objetos necessários para sua produção. Aqui, ocorre a etapa de articulação entre os lugares do fazer a agricultura e os lugares que comandam o setor, como cidades nacionais e globais, que propomos pensar como os lugares do comandar, ao invés do gerir. Tais

espaços se articulam para o funcionamento síncrono, porém desigual e concentrador do agronegócio, onde os municípios com pequenas cidades são a base da pirâmide produtiva, ou seja, sua ausência pode comprometer todo o sistema alimentar e agrícola mundial.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Referências

ALVES, F. D. O agronegócio do café e a territorialização no sul de Minas Gerais. In: ALVES, F. D. et al. (org.). **A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea**. Alfenas-MG: Editora da Universidade Federal de Alfenas, p. 306-323, 2019.

ALVES, F. D.; LINDNER, M. Agronegócio do café no Sul de Minas Gerais: territorialização, mundialização e contradições. **Revista OKARA: Geografia em debate**, n. 14, v. 2, p. 433-451, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1982-3878.2020v14n2.54246>

AMORIM FILHO, O. B.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p 1-34.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Ra'ega**, n.13, p. 7-18. 2007.

DOI: <https://doi.org/10.5380/raega.v13i0.7784>

BANCO MUNDIAL. Brasil: aspectos gerais. **World Bank**, 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/brazil?locale=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras (SICARM)**. Disponível em: <https://sisdep.conab.gov.br/consultaarmazemweb/>. Acesso em: 26 out. 2024.

CORRÊA, R. L. Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Cidades**, v. 1, n. 1, 2004, p. 65-78.

DOI: <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2004v1n1.12530>

CORREIA, G. G. S.; FREIRE, M. R.; ALVES, F. D. As cidades médias e os consumos produtivos do agronegócio: o caso de Alfenas e Campos Gerais. **Revista Territorium Terram**, 6 (Edição Especial 1), 2023, p. 69–82.

ELIAS, D. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teórico-metodológicas. In: SPOSITO, M. E. B. (org.) **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ELIAS, D. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 153-167, nov. 2011.
DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2011v13n2p153>

ELIAS, D. Consumo produtivo e urbanização no brasil: as cidades do agronegócio. **Ciência Geográfica - Bauru - XXVI - vol. XXVI - (2): jan./dez. 2022.**

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná**. 476 p. Tese (Doutorado) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini aurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 2000. 790 p.

FJP - Fundação João Pinheiro. **Dados do Índice Mineiro de Responsabilidade Social (IMRS)** de 2021. Belo Horizonte: FJP, 2021.
Disponível em: <http://imrs.fjp.mg.gov.br/Consultas> . Acesso em: out. 2024.

FUNDAÇÃO PROCAFÉ. **Fundação Procafé** - Instituidores. 2023. Disponível em: <https://www.fundacaoproafe.com.br/> . Acesso em: 26 out. 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudo da região de influência de cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos demográficos** – séries históricas 1972-2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal** – série histórica 2000-2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Exportações Gerais. **Comex Stat**. Base de Dados. 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: set. 2024.

MOREIRA JÚNIOR, O. Cidades pequenas em regiões não-metropolitanas: cidade pequena ou campo grande? **SIMPÓSIO CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS DA BAHIA, 2. Anais...** Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2011. p.1-16.

PORTEO SECO SUL DE MINAS. **Porto Seco Sul de Minas** - Quem somos. Varginha, 2024. Disponível em: <https://portosecosuldeminas.com.br>. Acesso em: 26 out. 2024.

QUEIROZ, M. I. P. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. (org.). **Vida rural e mudança social:** leituras básicas de sociologia rural. São Paulo: Nacional, p. 160-175, 1979.

ROSAS, C. A. F. Desenvolvimento territorial rural no extremo noroeste paulista. **Espaço em Revista**, v. 16, n. 1, p. 105-123, jan./jul. 2014.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. Globalização e Geografia: a compartimentação do espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 18, jul. 1996.

SPOSITO, M. E. B. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 51-62, 2010.

Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4817>

VIEIRA, A. B.; ROMA, C. M.; MIYAZAKI, V. K. Cidades médias e pequenas: uma leitura geográfica. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 29, p. 133-155, 2007.

Recebido em 28/11/2024.

Aceito para publicação em 03/04/2025.